

A vulnerabilidade no/do analista

Cristina Rosas de Salas, Buenos Aires*

O interesse por analisar o tema da vulnerabilidade desde a perspectiva do analista surge da frequência com que, em cada um dos debates, o exame das intervenções do analista é ressaltado, colocando em reconsideração a neutralidade e a ética que as sustenta. Já não escandaliza que se postule um inconsciente não reprimido, mas nem sempre se questiona como ele se faz presente nas intervenções realizadas pelo analista, o que me levou a postular que, além de uma ética do desejo, seria necessário pensar em uma ética da criação de representações na análise. Esta é a linha de trabalho que se propõe aqui. Fazem-se precisões metapsicológicas com relação à hipótese de que o que demanda o analista a partir do heterogêneo o confronta com seus próprios limites, com seus aspectos mais vulneráveis, que são referidos ao mais além de seu capital representacional. Analisa-se o tema das identificações e da desmentida e se propõem possíveis vias de reelaboração do que se denomina o heterogêneo.

Palavras-chave: desmentida, identificação, ideologia, psicanalista, instituição psicanalítica.

* Membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

“Vulnerável: Suscetível de ser ferido ou vulnerado, de receber dano ou prejuízo, ou de ser afetado, comovido, convencido ou vencido por algo expressado” Moliner (2007).

“Comprovo que a fragilidade está no âmago do meu trabalho [...] finalmente, tudo gira em torno dessa noção de fragilidade, de falha, de renúncia, de como se faz para avançar, para continuar. Sem dúvida, há ressonâncias muito pessoais e muito íntimas, mas no fundo não sei muito bem quais” Vigan (2013).

Uma vez mais, é das margens que surge o que nos questiona, sacode a modorra de nossas posturas e nos força a dar conta que o trabalho analítico, ainda que nos extremos, na experiência do limite ou com os limites, continua tendo sua especificidade na comunicação do homem com o homem e no acesso à palavra, inserindo-se, assim, no melhor da tradição freudiana.

Dar conta desta prática que surge nas margens, ainda que se torne ineludível, ao mesmo tempo supõe reconhecermos nossa vulnerabilidade quando o aprendido é posto em questão. Implica também reconhecer certa defasagem de tempos, épocas e demandas, o que nos enche de inseguranças e questionamentos. Aflora, então, a necessidade de se revisarem conceitos metapsicológicos como o do negativo, o irrepresentável, o não reprimido, a pulsão de morte, a repetição em ato e colocar em debate o lugar do analista, a eficácia da interpretação, a validade do construir, o conceito de contratransferência e suas variedades, as modalidades de enquadre, para citar apenas alguns dos temas considerados.

É neste marco geral que se situa o interesse em analisar o tema a partir da perspectiva do analista, pois em cada um dos debates emerge com frequência a análise de suas intervenções, sua pertinência, sua eficácia, seus fundamentos, pondo em reconsideração a neutralidade e a ética que sustentam as mesmas. Minha impressão é que já não escandaliza que se postule um inconsciente não reprimido, mas nem sempre se analisa como ele se faz presente nas intervenções feitas pelo analista, o que me levou algumas vezes a postular que, além de uma ética do desejo, seria necessário pensar em uma ética da criação de representações na análise. Pontalis (1982) questiona:

Mas isso não significaria simplesmente desconhecer o fato de que não há outra análise efetiva, isto é, análise que comprometa também o inconsciente do analista, que aquela que nos leva aos limites ao colocar à prova os limites da análise e os nossos próprios? Os analistas não deixam de experimentar essa convicção, posto que somente seus “casos difíceis”, seus “casos impossíveis” os levam a trabalhar, teorizar e escrever; sobre esse ponto, os testemunhos são convergentes; talvez, inclusive, esses casos lhes permitam viver como *analistas* o que não puderam encontrar como *pacientes* no curso de sua própria análise (Pontalis, 1982, p. 8).

Esta é a linha de trabalho que aqui proponho.

Nota sobre o heterogêneo

O ponto de partida para dar conta de uma prática que surge nas margens com toda sua carga de questionamento e criatividade implica considerar o que denominarei o heterogêneo, em uma tentativa de descentralizar, por um lado, a transitada via de o que é o novo e o que é o de sempre na teoria e na prática e, por outro, o que devém heterogêneo para cada sujeito em particular.

Na minha perspectiva, mesmo com risco de imprecisões, denominarei de heterogêneo aquilo que chega com significantes diversos, em linguagens desconhecidas, atravessado pelo mais singular, ou mais estranho, ou mais resistente a ser incluído em um relato, sobretudo com relação ao relato oficial, seja ele privado e/ou institucional. A ideia de relato se assenta na ideia freudiana de inconsciente vivo, sempre em busca de expressões de natureza variada, ainda que o acesso à palavra seja, em nossa prática, o ineludível.

Esta posição supõe “entender o inconsciente como uma ordem radicalmente diferente, que desde sempre e para sempre fustiga o sujeito e onde a ‘cura’ ou as mudanças na análise se definam pelo acesso a um novo discurso que habilita a um reordenamento de posições subjetivas” (Viñar, 2011, p. 428). Posições subjetivas que se sustentam não só no inconsciente reprimido, é este o tema que coloco sob tensão.

Estas ideias, sem dúvida, se distanciam da simplificação que supõe que falar do relato remete a uma mera ficção no sentido menos criativo do termo, na qual o sofrimento e a posição subjetiva que enuncia cada sujeito em particular ficam deslocados em uma posição intranscendente. Precisamente: “A ficção não vira as costas para uma suposta realidade objetiva. Muito pelo contrário, submerge

em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade está constituída [...]” (Saer, 2012, p. 11). Como se verifica, a prática se vê então convocada a dar conta da possibilidade e do modo pelo qual significantes heterogêneos possam acessar a palavra, também no analista, conservando o que reserva à psicanálise sua especificidade frente ao sofrimento do homem.

A heterogeneidade além das portas

Também acredito que hoje é fundamental analisarem-se o impacto e a acolhida, no plano institucional, além das portas, do heterogêneo, do radicalmente diferente, do que vem questionar ordens e saberes compartilhados e sustentados por anos. Os temas são infinitos e vão desde as famílias homoparentais até a abundância de tatuagens ou o consumo de maconha. Desde a violência escolar aos meios de comunicação de massa. Do femicídio às barrigas de aluguel. Da violência urbana ao isolamento social. E tudo em meio ao reconhecimento que as demandas e as condições da prática não seguem sendo as mesmas, que há tempos terminou *a época de ouro* na qual a psicanálise era assunto de elites cultas. Ou o encontro com o heterogêneo que resulta da aproximação com outras instituições como, por exemplo, a Universidade, com suas próprias lógicas e critérios de valorização. Não há aí uma convocatória à nossa prática que requer ser escutada?

Perspectiva metapsicológica: pontos de partida

Minha ideia é que a prática analítica supõe enfrentarem juntos, analista e analisando, o esforçado trabalho de reelaboração que implica, como diz Leclaire (1994, p. 17), “a desunião apaixonada de tudo o que mantém o sujeito detido na conformidade de uma servidão,” distanciado do mais genuíno de si mesmo. Trabalho de reelaboração que se sustenta na ideia de uma estruturação subjetiva entre dois extremos: a pulsão e o outro semelhante, com seus encontros e desencontros e seus modos únicos, singulares, de atravessar Narciso e Édipo.

Interessa-me pensar a ideia de um gradiente que vai do sintoma, do sonho e da palavra ao ato, o qual, em suas expressões mais extremas, é tão somente a descarga bruta de dores insuportáveis. O dito supõe considerar, como expressei anteriormente, não só o inconsciente reprimido e suas formações, mas também formas de inconscientização diferentes da repressão.

Estruturação subjetiva que, do meu ponto de vista, implica a conquista da disponibilidade pulsional, assim como a da contingência do objeto em um equilíbrio instável enquanto guarda relação com os modos de negativização da pulsão e do que denominarei destinos do encontro pulsão-objeto. Objeto atravessado por suas pulsões e desejos, dirá A. Green, ou, como sustenta J. Laplanche, emissor de mensagens atravessadas pelo próprio inconsciente reprimido de quem as emite. Objeto investido, responderá A. Green, objeto sedutor, responderá J. Laplanche em um dos debates mais interessantes dos últimos anos.

A vulnerabilidade do/no analista. Além da representação

Na posição, brevemente anunciada antes, sustento a hipótese de que o que demanda o analista a partir do heterogêneo faz com que enfrente seus próprios limites, seus aspectos mais vulneráveis, que localizo também nele, para além do seu capital representacional.

Precisando a hipótese, o debate se centra em recordar que, depois de *Além do princípio do prazer*, a representação já não é o único destino do encontro pulsão-objeto, ainda que eu concorde que esse destino intrapsíquico sem dúvida preserva tanto a disponibilidade pulsional (no sentido de disponível para o trabalho psíquico) quanto a contingência do objeto (quanto a suas possibilidades de substituição e deslocamento), ainda com os limites e o esforço que lhes impõe o que as transborda. Também depois de *Além do princípio do prazer* se desdobram na obra freudiana outras formas de negativizar a pulsão que se enquadram na questão de ser ou ter o objeto. Refiro-me às identificações e à desmentida e, desta perspectiva, interessa-me analisar o vulnerável no analista.

Green (1993) destaca com propriedade que ambas, identificação e desmentida, são destino do encontro pulsão-objeto que não implicam nem repressão nem representação, podendo adquirir em certas ocasiões o estatuto de objeto da pulsão. Por exemplo, no cumprimento de ideais ou de mandatos do superego ou no conflito entre identificações e desejos. Por outro lado, ambos os mecanismos, identificação e desmentida, podem ser conjugados permitindo entender-se a aparente oposição entre injúrias narcisistas e ideal. Assim como a injúria pode aparecer na contraface do ideal, como afirma J.P. Assun (2001), o prejuízo “vai à caça de qualquer coisa que pareça cheia” (p. 11).

Vinheta clínica

Maria, casada, mãe de dois filhos, consultou-me há vários anos devido a ideias obsessivas que rapidamente desapareceram ao se analisar a relação ambivalente com seus pais idosos sob seus cuidados. Tinha vivido uma situação de desamparo muito particular, relacionada com atividades dos pais, sobretudo do pai. Foram situações de desamparo e vulnerabilidade difíceis de desentranhar, já que ocorreram junto com uma vida cômoda e cuidada. O fato de ter que cuidá-los agora na velhice lhe causava ambivalência, o que não impedia que o fizesse com dedicação e carinho. Após essa breve apresentação, vou me referir a um momento crítico em sua análise e na relação comigo que me fez pensar algumas das ideias que hoje coloco em consideração.

Ocorreu em meu país um conflito muito sério entre os produtores agrários e o governo nacional. Era difícil manter-se alheio ao tema, já que inundara a mídia ocupando o centro da cena política. Todos os pacientes falavam da situação, mas este acontecimento gerou nela um impacto difícil de entender e que incluiu sintomas somáticos como “bolhas” em sua cabeça. A cabeça “brotou”. Seu estado afetivo era de indignação, falava de dignidade e de que não iriam lhe “torcer o braço”. O ódio e o desejo de morte para com figuras do governo eram frequentes, reações novas em uma pessoa de caráter afável, tranquilo.

A relação comigo tornou-se tensa impossibilitando trabalharmos sobre o que acontecia com ela, porque tudo era entendido como se eu estivesse a favor do governo. Eu era consciente das nossas acentuadas diferenças ideológicas, o que não me surpreendia, já que não é um fato incomum em minha prática com outros analisandos.

A paciente se dá conta que nossa relação corre risco, pede para espaçar as sessões e eu aceito. Passado o momento nevrálgico do conflito, retoma o ritmo anterior e tento analisar o ocorrido. Aponto-lhe que me surpreendeu a intensidade de sua reação, sobretudo o ódio e a indignação. Sua posição frente ao tema perde intensidade afetiva, mas não parece disposta a analisá-la.

Nesse tempo ocorre uma discussão familiar entre o filho, que estuda em uma prestigiada Universidade pública, e a irmã que, apoiada pelos pais, decide estudar em uma Universidade particular e confessional. Na discussão, ela toma o partido da filha e da Universidade particular e associa a atitude do filho a atitudes minhas. Assinalo que novamente eu fico de um lado, desta vez com o filho, e ela em outro: os intelectuais e os do campo, os “sabe-tudo”, diz. Concorda com o assinalamento e acrescenta: “Sim, meu pai, frente a estas situações, dizia ‘não são dos nossos’” Conjeturei, então, que o posto em jogo era da ordem das

identificações e da injúria como reverso do ideal (Assun, 2001), manifestadas em uma ideologia ferrenhamente defendida e ancorada em acontecimentos de atualidade política. O ocorrido fazia-se mais claro agora, e o ponto, para ela e para mim, era sustentarmos a análise, ainda que não sendo “dos nossos” ou “dos meus”.

Quanto a mim, parafraseando Pontalis (1982), perguntei-me: havia encontrado como *analista* o que não havia podido encontrar como *paciente* no decorrer de minha própria análise?

Se percorro minha história psicanalítica, posso dizer que esses pontos não foram tratados em minha análise de formação e, talvez por isso, costumasse dizer sem entendê-lo muito: minha análise melhorou o que já tinha de bom. Somente a partir de minha reanálise foram abordadas minhas questões ideológicas e, seguramente, este fato teve relação com minha posição atual sobre o tema.

O heterogêneo e a dupla via de reelaboração

Se nos lembramos da pertinência de se considerar estes destinos não representacionais no analista e de se analisar sua participação em suas intervenções, cabe perguntar também sobre suas possíveis vias de elaboração.

A via régia

Em primeiro lugar, merece ser pensada a pertinência, na análise e reanálise do analista, de considerar todos os mecanismos de negativização da pulsão e não só o inconsciente reprimido.

Neste ponto, a análise do analista continua sendo a via régia, uma vez que as identificações e a desmentida, conformando ideais como contraface das injúrias narcisistas, são, sem dúvida, um campo propício para a criação do que Baranger & Baranger (1993) denominaram baluartes, por serem geralmente “o refúgio de poderosas fantasias de onipotência” (p. 151). “É o que o analisando não quer pôr em jogo porque o risco de perder o colocaria em um estado de extrema invalidez, vulnerabilidade, desesperança” (*loc. cit.*).

Minha ideia é que o risco é maior quando ideais e/ou ideologia são homogêneos para analisando e analista, quando tudo se harmoniza, não incomoda e não faz ruído para ambos. Por outro lado, se concordamos que tanto nas identificações quanto na desmentida não intervém nem a repressão nem a representação (Green, 1995), parece de fundamental importância sua consideração,

sobretudo quando se trata de intervenções mais ativas ou das que se atribuem à sua contratransferência.

Por isso pergunto e me pergunto: não seria contraditório considerar outras formas do negativo além da repressão no analisando e não considerar sua intervenção no próprio analista? É suficiente considerar como pontos cegos apenas o inconsciente reprimido não suficientemente analisado? Não são ou não podem ser cegos também as ideologias, os ideais ou os mandatos?

É possível que os mais comprometidos em aprofundar o tema e dar-lhe uma resposta sejam os que investigam mais além das neuroses, ao mesmo tempo em que voltaram a colocar a *contratransferência* e as *construções* no centro do debate. Digo “voltaram a colocar”, uma vez que ambas ficam em um segundo plano, em posições que colocam a tônica no discurso e fazem do silêncio do analista uma posição central.

Em qualquer caso, no *mais além* da neurose, o tema põe seu foco *no analista*, posto que, nos limites do analisável, a proposta mais frequente é a outorga de representações ao não representado a partir da contratransferência ou da imaginação clínica. Posição do analista que estimo de máxima assimetria com relação ao analisando, pois seria necessário ter em conta as advertências com respeito a que, além das vacilações próprias ou calculadas da neutralidade, não se produzam verdadeiros deslizamentos no sentido da sugestão ou do doutrinamento.

Digo de máxima assimetria uma vez que localizo em ambos o que está mais além do capital representacional como o mais sensível e no qual o concordar pode significar deixar fora do jogo pontos de vulnerabilidade de máxima reatividade. Não seria necessário perguntar como as situações transferenciais limítrofes impactam o analista? O que acontece quando, desde o discurso ou dos atos do analisando, o analista é atingido em suas ideias, em sua ideologia religiosa, política ou de qualquer outra ordem? Ou em suas atividades políticas na vida institucional? Ou quando está passando por situações transcendentais em sua vida e as mesmas aparecem no discurso do analisando?

Basta pensarmos a análise somente como uma comunicação de inconsciente (reprimido suficientemente analisado) a inconsciente (reprimido por analisar), enquadrada e regulada pela associação livre e a atenção flutuante? Suponho que as respostas a estas questões não serão unívocas. *De minha parte, ponho em debate a ideia de considerar e analisar no analista suas próprias fronteiras de analisabilidade, que localizo naquilo que está mais além de seu capital representacional e que, ao ser tocado pela palavra ou pelos atos do analisando, pode gerar nele reações nem sempre fáceis de prever.* Em muitas ocasiões essas

são as fronteiras que aparecem nas reanálises e que muito frequentemente são motivo de supervisão.

A via institucional

Outra via fundamental de reelaboração, frente ao esforçado trabalho que convoca o heterogêneo em cada momento da história institucional, da cultura e, inclusive, das condições gerais do país, localiza-se na circulação da palavra entre analistas, entre os colegas, o que implica analisar também as resistências à psicanálise dentro das portas das instituições e não só fora delas.

Sempre me pareceu enigmático que, por exemplo, ao apresentarmos material clínico, não falte quem nos felicite por nossa coragem. Por que coragem? Supõe-se que do lado de dentro se deveria sentir o conforto no intercâmbio, no debate, no exercício das diferenças, o resguardo para seguir pensando em liberdade, para voltar com nossas dúvidas ou com nossos fracassos. Se não ali, onde? Por que tanto cuidado em esclarecer que não se trata de uma supervisão? Quais são os pontos sensíveis que podem ser tocados?

Dialogo com os colegas o que julgo possível, apesar das tensões insolúveis que isso implica, a partir de pelo menos outras duas condições: a *igualdade e a prudência*. Com relação à igualdade, coincido em pensá-la como o que se opõe ao privilégio, não à exceção ou à diferença ou às singularidades (Tatian, 2012a). Trata-se de imaginar, diz Tatian, uma igualdade que permite a existência dos outros e que ele denomina, provocativamente, de *reino dos diferentes*. Isto é, propõe-se uma igualdade que não só premie ou escute o homogêneo, mas que inclua o diferente, digo, o heterogêneo.

Como é possível observar, nestas ideias também aparece o *outricídio* como risco a ser considerado. Por isto acredito que a tensão entre a massa¹ e o desapego deva ser sustentada não só com declarações, mas com fatos concretos. Isto é, considerar o heterogêneo a nossas práticas conhecidas e o que nos chega da cultura como uma convocação para a criatividade e não como um argumento para a desilusão e o isolamento.

Um risco a ser considerado é que o predomínio da comunicação a partir de uma concepção de mundo ou do imperialismo das teorias, ao ser aprofundado, deixe os analistas desprovidos de recursos para analisarem o *imprevisto*, o heterogêneo às teorias que sustentamos. De nos transformarmos em uma

¹ N.A.: a palavra massa, neste caso, se refere a fenômenos de massa no sentido de psicologia das massas de S. Freud.

comunidade de especialistas, mas distanciada ou diluída em outras disciplinas e espaços produtores de saber. Por outro lado, a pergunta sobre até onde o heterogêneo é tolerável é que leva a considerar a outra condição proposta para o diálogo: “a prudência entendida como *um vínculo com os outros adversos não mediado pela destruição, mas pelo trabalho*, uma paciência que cuida o que quer nascer, ou que acaba de fazê-lo” (Tatian, 2012b).

Gostaria de destacar que a prudência não elimina o atuar, as ações concretas para se produzirem mudanças, nem o trabalho sobre as resistências que se geram, porque também é certo que conosco ou sem nós o mundo não para. Assim, o barulho do conflito não é, nesta perspectiva, sinal de mau agouro. Supõe, sim, recordar Freud e dizer calma. É apenas a pulsão de vida que, mais uma vez, alvoroça a quietude da morte. Aí está o futuro. Ou, como diz Leclair (1994),

Na época em que nos conhecemos nada podia manifestar melhor a ardente paixão que animava a todos a se desfazer do peso de todos os santuários, antigos ou atuais, que a casa improvisada que os abrigava. Construída com qualquer coisa, desafia a menor suspeita de perenidade, expõe à nudez a mistura de corpos, de sangue, de línguas e de histórias com que se matiza o que vive de verdade. Surgida em um terreno de propriedade incerta, torna-se terra prometida do enraizamento que Lev² faz renascer. De fato, sob a camada de um refinado reboco de cor cinza bege-rosado e de um teto de telhas novas, estão edificadas todas as casas da diáspora freudiana: com o material mais heteróclito que se possa reunir [...] Mas cada uma dessas casas, enfeitada só com os produtos do valioso artesanato das pequenas diferenças, ordena-se invariavelmente ao redor da formidável chaminé freudiana que não deixa de abrir a alma da lareira em direção ao céu. Caso não se esqueça de limpar-lhes a fuligem funcionam muito bem e devoram alegremente os “demônios de épocas antigas”, transmutando-os em sinais de boa sorte. (*Um encanto novo*) (Leclair, 1994, p. 30). □

Abstract

Vulnerability in/of the analyst

The interest in analyzing the topic of vulnerability from the analyst’s perspective arises from the frequent emphasis given, in debates, to the examination of the

² N.A.: Lev tem a mesma origem de Levi, termo hebraico que significa *aquele que une os seus*.

analyst's interventions, that leads to a reconsideration of the neutrality and the ethics that support them. The postulate of an unrepressed unconscious no longer surprises, but it is not always questioned the way it presents itself in the analyst's interventions, what made the author suggest that beyond a desire ethic, it is necessary to think about an ethic of the creation of representations in analysis. This is the working line proposed in this paper. Metapsychological accuracy are made in regard to the hypothesis that what demands the analyst from the heterogeneous confronts him with his own limits , with his most vulnerable aspects, which is considered to be beyond his own potential on representation. The paper analyzes issues of identification and of denial and proposes some ways to do the reworking through of the heterogeneous.

Keywords: denial, identification, ideology, psychoanalyst, psychoanalytic institution.

Resumen

La vulnerabilidad en/del analista

El interés por analizar el tema de la vulnerabilidad desde la perspectiva del analista surge de la frecuencia con que, en cada uno de los debates, el análisis de las intervenciones del analista se resalta poniendo en reconsideración la neutralidad y la ética que sustenta las mismas. Ya no escandaliza que se postule un inconsciente no reprimido, pero no siempre se plantea como se hace presente en las intervenciones que realiza el analista, lo que me llevó alguna vez a postular que, además de una ética del deseo, era necesario pensar en una ética de la creación de representaciones en el análisis y esta es la línea de trabajo que propongo en esta ocasión. Hago precisiones metapsicológicas con relación a la hipótesis que lo que demanda al analista desde lo heterogéneo lo enfrenta a sus propios límites, a sus aspectos más vulnerables que ubico en el más allá de su capital representacional. Analizo el tema de las identificaciones y la desmentida y propongo posibles vías de reelaboración de lo que se denomina lo heterogéneo.

Palabras clave: desmentida, identificación, ideología, psicoanalista, institución psicoanalítica.

Referências

- Assun, J. (2001). *El perjuicio y el ideal. Hacia una clínica social trauma*. (Cap. 1-4), Buenos Aires: Nueva Visión.
- Baranger, W. & Baranger, M. (1993). *Problemas del campo psicoanalítico* (Cap. 7), Buenos Aires: Kargieman.
- Green, A. (1993). *El trabajo de lo negativo* (Cap. 3), Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1995). *El lenguaje en psicoanálisis* (Pt. 2), Buenos Aires: Amorrortu.
- Leclaire, S. (1994). Un encanto nuevo. In *El país del otro*. D.F./Guadalajara: Siglo XXI México, pp. 19-42.
- Moliner, M. (2007). *Diccionario de uso español* (Tomo 2), Madri: Gredos.
- Pontalis, J-B. (1982). No, dos veces no. Intento de definición y de desmantelamiento de la «Reacción terapéutica negativa». *Revista de la APA*, 3(4).
- Saer, J.J. (2012). *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Seix Barral.
- Tatian, D. (2012a). *Lo impropio*. Buenos Aires: Excursiones.
- Tatian, D. (2012b). Debates. Mi libertad empieza donde empieza la libertad del otro. *Diario Página 12*. Recuperado de < <http://www.pagina12.com.ar/diario/principal/index.html>>. 12/05 /2012
- Viñar, M. (2012). Tensión tradición- invención. *Revista Calibán*, 1(1).
- Viñar, M. (2011). De la torre de Babel a los sueños fundadores. *Revista da APA*, 68(2-3).
- Vigan, D. de (2013). De la fragilidad como punto de apoyo. Reportaje Silvina Frieri. *Diario Página 12*. Recuperado de < <http://www.pagina12.com.ar/diario/principal/index.html>>. 28/11/2013.

Recebido em 08/12/2013

Aceito em 08/01/2014

Tradução de **Ana Rachel Salgado**

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Cristina Rosas de Salas

Arenales 2893

Ciudad Autonoma

Buenos Aires – Argentina

e-mail: cristisalas@ciudad.com.ar

© Cristina Rosas de Salas

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA